

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Maya Deren: No Cinema posso fazer o Mundo Dançar

6 e 10 de Janeiro de 2026

OUT OF THE MELTING POT / 1928

FILMING THE FANTASTIC! / 1936

NEW NEWSREEL – CHILDREN’S JURY / 1938

filmes de Joseph Cornell

Montagem: Joseph Cornell / Compilação “The Enigmatic Cinema of Joseph Cornell – Part One” / Estados Unidos, 1927, 1936, 1938 / Cópia: em DCP, preto e branco, sem diálogos / Duração dos três filmes: 21 min / Primeiras exhibições na Cinemateca.

RHYTHM IN LIGHT / 1934

um filme de Mary Ellen Bute, Ted Nemeth e Melville Webber

Realização e Produção: Mary Ellen Bute, Ted Nemeth e Melville Webber / Música: Peer Gynt Suite, de Edvard Grieg / Estados Unidos, 1934 / Duração: 5 min / Cópia: em 16 mm, preto e branco, música, sem diálogos / Primeira exibição na Cinemateca: Janeiro de 2013, “Foco no Arquivo”.

INTROSPECTION / 1941-46

um filme de Sara Kathryn Arledge

Realização: Sara Kathryn Arledge / Fotografia: Clyde B. Smith, Don Sykes / Bailarinos: James Mitchell, Bill Martin, Joe Riccard / Música: Franz Schubert / Com: James Mitchell, John Baxter / Estados Unidos, 1941-47 / Cópia: 16 mm, cor, música, sem diálogos / Duração: 7 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

FILM EXERCISE Nº5 / 1944

um filme de James e John Whitney

Realização: James e John Whitney / Estados Unidos, 1944 / Cópia: 16mm, cor, música, sem diálogos / Duração: 4 min / Primeira exibição na Cinemateca.

RABBIT’S MOON / 1950

um filme de Kenneth Anger

Argumento e montagem: Kenneth Anger / Fotografia: Kenneth Anger e Oleg Tourjansky / Música: Andy Arthur / Interpretação: André Soubeyran (Pierrot), Claude Revenant (Arlequim), Nadine Valence (Colombina) / Produção: Puck Film Productions, com a colaboração de Pierre Braunberger e da Cinemateca Francesa / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm (suporte original), cor e preto e branco, sonorizada (música), sem diálogos / Duração: 15 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: Dezembro de 1993, “Maria Merson: o Cinema como Magia”.

DWIGHTIANA / 1959

um filme de Marie Menken

Realização: Marie Menken / Música: Teiji Ito / Pinturas: Dwight Ripley / Estados Unidos, 1959 / Cópia: 16mm, cor, música, sem diálogos / Duração: 4 min / sem diálogos / Primeira exibição na Cinemateca.

duração total da projeção: 73 minutos

“Where is the experimental American film movement?”

Numa carta de 1946, Maya Deren escrevia: “Where is the experimental American film movement?” Esta sessão parte desta questão que aí colocava em meados dos anos quarenta, e à qual procurava responder convocando o trabalho de cineastas seus contemporâneos. Entre os cineastas mencionados por Deren encontramos Joseph Cornell, cujas experiências com a montagem de imagens de arquivos, tão próximas da sensibilidade surrealista, tanto apreciava, Kenneth Anger, Sara Kathryn Arledge, que Deren refere como próxima das suas experiências com a dança e o cinema, ou Mary Ellen Bute e Marie Menken, mais duas pioneiras norte-americanas no domínio das vanguardas, tendo a última colaborado com Teiji Ito, citando ainda os irmãos Whitney. Na mesma carta Deren lamentava que Buñuel, Man Ray, Jay Leyda ou Fischinger “já não fizessem filmes pessoais”.

A par da sua obra como cineasta, podemos dizer que Maya Deren teve um papel igualmente importante na defesa e divulgação da obra de outros artistas e cineastas, dado a sua grande dedicação ao cinema de avant-garde, que a levou muitos escritos, mas também à criação a Creative Film Foundation, organização com vista a apoiar o trabalho de outros criadores nesta área. Entre os cineastas apoiados pela fundação encontramos Sara Kathryn Arledge, uma das primeiras, seguida de Stan Brakhage, Robert Breer e Shirley Clarke, vários dos quais têm filmes presentes neste programa. Também é pública a admiração de Mekas por Maya Deren, que a conheceu quando ainda era muito jovem, e com muita timidez lhe pediu uma cópia de *An Anagram of Ideas on Art, Form, and Film* (1946), livro escrito por Deren, que depois considerou “uma das três obras mais importantes publicadas sobre cinema”. Deren exerceu uma influência determinante sobre Mekas, tanto no que viria a ser o seu cinema, como em toda a sua actividade em prol da divulgação e apoio ao cinema experimental. É curioso como o próprio Amos Vogel criará o seu Cinema 16, na sequência da sessão promovida por Maya Deren em 1946 dos seus “Three Abandoned Films”. Será num simpósio organizado em 1953 pelo Cinema 16, “Poetry and the Film”, que Deren exporá as suas ideias sobre o que considerava serem os dois eixos do cinema (um horizontal – o eixo narrativo das personagens e da acção – e um vertical – eixo poético do tom e do ritmo), tese que encontrará grande oposição de outros poetas presentes na sala como Dylan Thomas ou Arthur Miller.

Mas voltando ao programa, entre os seus contemporâneos encontramos Joseph Cornell (1903–1972), um coleccionador obsessivo e um artista conhecido sobretudo pelas caixas que reuniam muitos dos objectos e imagens que recolhia. O encontro com as colagens de Max Ernst numa exposição surrealista em 1931 em Nova Iorque terá ditado a sua prática futura. A par de tais caixas ficou conhecido pelos filmes de *found-footage* que montava na cave de sua casa. O mais conhecido de entre eles será **Rose Hobart** (1936), centrado sobre a actriz com o mesmo nome, mas hoje mostramos outros três realizados entre 1928 e 1937. A impossibilidade de projectar uma cópia de um filme como **Jack’s Dream**, cujos motivos se aproximavam mais explicitamente dos motivos destas sessões, levaram-nos a outras montagens de imagens anónimas, que na sua reaproximação revelam a potência da montagem no cinema. Como num gabinete de curiosidades somam-se realidades distintas, de danças índias num estádio, a proezas com animais, que num novo contexto ganham outros significados.

Mary Ellen Bute (1906-1983) foi uma das pioneiras da animação e da abstracção no cinema, realizando obras que se encadeiam numa autêntica dança visual, e que se desenvolvem na fronteira das artes plásticas, de um cinema mais experimental, e da animação. **Rhythm in Light**, curta-metragem da cineasta norte-americana é uma exploração dos ritmos luminosos propostos pelo seu cinema, cujas imagens derivam surgem associadas à obra escultórica de Melville Webber. O título aponta para o modo único como trabalha os movimentos e a musicalidade da luz e das formas no cinema. Partindo da música de Edvard Grieg, propõe-se um “acompanhamento pictórico em formas abstractas”, ou com se diz no próprio genérico, trata-se de um “esforço pioneiro numa nova forma de arte – é uma impressão de um artista moderno do que se passa na cabeça enquanto ouvimos música.” Frases que revelam como na altura se procurava insistentemente definir o que seria este tipo de cinema.

Próxima de Maya Deren, Sara Kathryn Arledge (1911-1998) foi outra das precursoras do cinema de vanguarda americano, trabalhando o cinema e a pintura desde a década de 1920. **Introspection** foi pioneiro no domínio dos filmes de dança abstrata produzidos nos Estados Unidos. Se Arledge dedicou particular atenção ao cinema nos anos 1940 e 1950 (**What is a Man**, outra das suas obras mais conhecidas, é de 1957), nos anos posteriores dedicou-se mais intensamente à pintura. Terry Canon traduziu em palavras como as suas várias experiências técnicas e estéticas usam a dança como modo de representar o tempo na arte: “com a intenção de criar uma dança que apenas possa ser mostrada no cinema, uma coreografia diferente de qualquer outra pensada para o palco, e que possa emergir unicamente do meio filmico”. Eis a proposta radical de Arledge, que coincidia com a própria proposta de Deren. Em **Introspection** sucedem-se experiências, em que os corpos de três bailarinos, como que libertos da força da gravidade e de todas as coordenadas espaciais, dançam no ar.

Dos irmãos John e James Whitney mostramos o último dos “Five Film Exercises” realizados em 1943 e 1944. Este **Film 5** resulta do movimento de várias formas geométricas que se sobrepõem no espaço do ecrã, aproximando-se e afastando-se ao som de música electrónica. Um cinema artesanal que anunciava o que a electrónica poderia mais tarde fazer. Se **Twenty-Four Variations on an Original Theme**, o seu primeiro filme conjunto, foi influenciado pelos princípios seriais de Schoenberg, nesta série que lhes valeu o prémio de melhor som no “Brussels Experimental Film Competition” continuam a seguir as coordenadas musicais.

A cópia de **Rabbit's Moon** que apresentamos corresponde à versão mais longa do filme, dado que em 1979 Kenneth Anger o encurtou para metade. Deixamos de seguida o excerto de uma “folha” de Antonio Rodrigues, que o contextualizou numa passagem anterior do filme. “Como **Eaux d'Artifice**, **Rabbit's Moon** pertence ao período “europeu” do itinerário de Kenneth Anger. Foi rodado em Paris, no ainda hoje existente cinema Panthéon que fechava durante o mês de Agosto e foi transformado em cenário para o filme. Este ilustra a veia onírica e delicada do cinema de Anger, muito diferente da veia fetichista ou demonológica de alguns dos seus filmes posteriores. Além de um inegável – e de certo modo inevitável – ponto de confluência com o trabalho de Jean Cocteau, também paira sobre este filme, de modo ténue, a sombra do grande ancestral do *cinema mágico*, do cinema da fantasia e do sonho, Georges Méliès. No seu excelente ensaio sobre Kenneth Anger, publicado em 1999, Olivier Assayas assinala com agudeza a filiação de Kenneth Anger ao cinema mudo americano, onde o espectador pode ver

outras coisas através e além daquilo que é mostrado. Esta filiação ao cinema mudo é sublinhada pelo facto de todos os filmes de Anger serem mudos, mais exactamente sem diálogos, sendo-lhes sobreposta uma rica banda musical, que raramente é composta por música especialmente feita para o filme em questão (...) Em **Rabbit's Moon**, Anger reata com um género muito anterior ao cinema e que se prolongou no cinema mudo, a pantomima, com os personagens clássicos de Pierrot, Colombina e Arlequim, em contraponto à Lua, que desde sempre tem presença marcante nas religiões e há vários séculos também o tem na literatura. Foi através de Georges Méliès que a Lua “entrou” para o cinema. Os *zooms* sobre a lua no início do filme de Anger podem ser vistos como uma transposição do percurso do foguete do célebre e maravilhoso **Le Voyage sur la Lune** (1902), de Méliès. E há no filme um objeto anterior ao cinema que Arlequim designa a Pierrot de forma imperiosa e que ele desconhece: uma lanterna mágica. É deste aparelho que jorra a imagem de Colombina, num pequeno palco, semelhante a uma versão modernizada das dançarinas de Méliès, embora sem a ironia do mestre de 1900. É a força da Lua, poética, física ou “mágica” que tudo determina: Pierrot quer subir à lua, oferece um raio de lua a Colombina e quando a lua é encoberta por um eclipse, Pierrot cai fulminado. Como a lua, este filme tem duas faces, uma visível, a bela e aprazível pantomima, e uma invisível, que transmite temas mais profundos e ocultos ligados ao trabalho de Kenneth Anger.”

Marie Menken (1909-1970) e o cineasta e poeta Willard Maas, o seu companheiro, desenvolveram uma obra próxima da de Maya Deren. Aqui partiu da obra de Dwight Ripley para a realização do seu **Dwightiana**, que mistura várias técnicas do cinema de animação com a obra deste pintor, animando-a. A música, composta por percussões, guitarra e flauta é de Teiji Ito, que compôs grande parte das bandas sonoras dos filmes de Maya Deren, mesmo depois da sua morte. Uma animação feita para “animar um amigo doente”, mas também um lúdico tributo ao artista filmado no seu apartamento em Nova Iorque.

Joana Ascensão